

Cidadão virtual

J. Roberto Whitaker Penteadó

Cada vez mais a vida resume-se a duas situações: online e offline.

O consultor em assuntos digitais e jornalista Carlos Nepomuceno publicou (no Jornal da Tarde e mais algumas dezenas de *www's*) um artigo pertinente sobre o tema O cidadão da era digital. O artigo contém coisas que tenho pensado e discutido com amigos, mais ou menos tão apreensivos quanto eu.

Referindo-se ao projeto Sociedade da Informação, do Ministério de Ciência e Tecnologia, CN menciona o conceito de "fluência digital" (cuja antonímia seria a síndrome prevalente do "analfabetismo digital", uma condição na qual o músico Lobão se auto-descreveu, com certa graça, como "anta cibernética").

"Embora alfabetizados no mundo digital, necessitamos de algo mais para efetivamente funcionar na sociedade da informação", afirma uma publicação do MCT. O jornalista ecoa: "temos de assumir algumas novas características para usar os recursos offline e online em sua plenitude". E continua: "refletir todo o tempo, manejar a complexidade, testar soluções, trabalhar com parâmetros instáveis, organizar e navegar em estruturas de informação sempre em evolução, esperar o inesperado, antecipar mudanças tecnológicas e pensar sobre a tecnologia de forma abstrata. E também as habilidades: manejar itens básicos do sistema operacional, usar um processador de texto, criar ilustrações, apresentações, conectar um computador à rede, achar informações e comunicar-se com os outros pela internet."

Não poderia concordar mais com Nepomuceno, uma vez que "alfabetizei-me" há cerca de dez anos e vim adquirindo "fluência" ao longo desse tempo, a ponto de possuir a maioria das qualidades atribuídas ao novo cidadão digital. Mas não posso deixar de perguntar: estará valendo a pena?

Com Mario Jorge, meu guru computacional, fiz as contas do tempo que venho investindo, durante essa década, para ter os conhecimentos descritos como indispensáveis. Chegamos a uma cifra fantástica, entre 600 e 700 horas. Duas vezes o tempo exigido pelo MEC - através da sua Resolução 12/83 - para qualificar um curso como de Pós-graduação.

Se considerarmos como cidadão "normal" - na citação jocosa de Scott Cook (no Duailibi das Citações) - "alguém que não sabe nada sobre sistemas operacionais e não quer saber nada sobre o assunto", vale a pergunta; quanto custaria transformá-lo num cidadão digital? O tempo (e também o esforço e o custo) equivalente a frequentar um curso de doutorado...

Tive, como conferencista, uma experiência interessante - e até estatisticamente significativa - numa reunião sobre planejamento estratégico. Para ilustrar meu tema - sobre as técnicas do planejamento em marketing - recorri ao programa Microsoft Office, certamente um dos mais difundidos no Brasil, que inclui velhos cavalos-de-batalha como o processador de texto Word, as planilhas Excel e o Power Point para criar apresentações. Este último traz diversas seqüências semi-prontas, para facilitar o trabalho das pessoas, e entre elas, como esperava, encontrei "Plano de Marketing". Reproduzi-a - sem modificações e sem comentários - e projetei a série para o auditório de cerca de 300 profissionais jovens. Ao final, perguntei: - Quantos aqui usam o computador no trabalho? Apenas uns 20 ficaram de mão abaixada. - Entre os que usam, quem usa o programa Office? A maioria apresentou-se. - Quem usa o Power Point? Uns 30 mantiveram a mão levantada e UMA moça pediu a palavra e exclamou: - Mas esta é a apresentação que já vem pronta no programa!

A moça vai longe, claro. Mas o episódio ilustra com certa dramaticidade onde estamos, em relação ao estado-da-arte digital. Enquanto isso, eu - que faço parte dos alfabetizados, até "fluentes" no computador - não conheço metade das funções do meu equipamento de som e um terço, talvez, das do de vídeo - que já se tornou obsoleto com a proliferação do DVD.

Perguntei ao presidente da Philips brasileira, uma vez, o que estavam fazendo as empresas high-tech para lidar com a realidade low-tech da esmagadora maioria da humanidade. Ele respondeu-me que a prioridade da sua - e de outras empresas do setor - era o desenvolvimento de equipamentos com interface cada vez mais amigável. Tem sentido - em especial, tem muito sentido como eficaz estratégia de marketing, aquela que coloca o consumidor em primeiro lugar. Alguém se lembra?

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=465&ID=49>>. Acesso em: 6 ago. 2009

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais